

A VARIAÇÃO DE PLURAL NO SN COMO UM INDEXADOR DE IDENTIDADE

Roberto Gomes Camacho*

Mircia Hermenegildo Salomão-Conchalo**

Resumo: Eckert (2000) inaugurou uma nova tendência na Sociolinguística ao propor um conceito renovado de regra variável, que passou a constituir o espaço privilegiado da construção do significado social. No âmbito desse quadro teórico, estabeleceu-se como objetivo para este trabalho a análise das dinâmicas e das práticas sociais de dois grupos de estudantes, ideologicamente opostos, funkeiros e ecléticos, para examinar como o processo variável de concordância nominal pode consistir num campo de significados potenciais, ou seja, um campo indexical, para a construção de identidade. Os resultados encontrados mostraram que os padrões de variação não se desdobram simplesmente a partir da posição estrutural do falante em um sistema em que seu lugar social está predeterminado, mas que o processo variável de concordância nominal nas comunidades de prática faz parte de uma produção estilística ativa de diferenciação social.

Palavras-chave: Variação estilística. Identidade. Campo indexical.

INTRODUZINDO A PAUTA

■ Um dos primeiros estudos quantitativos da variação, a pesquisa de Labov (2008 [1972]) na ilha Martha's Vineyard, comprometeu-se com a associação de uma variante conservadora, atualizada com maior grau de frequência no uso, a centralização de /ay/, com a resistência da comunidade de pescadores à progressiva incursão de veranistas do continente. Recrutar uma vogal como parte de uma luta ideológica local sugeria que a variação é um recurso para a construção de significado. No entanto, o poder originalmente

* Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) – São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: camacho@sjrp.unesp.br

** Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – Paranaguá – PR – Brasil. E-mail: mirciah@yahoo.com.br

embutido no conceito de variável sociolinguística acabou se perdendo em boa parte nos anos seguintes, quando o significado social passou a se confundir com correlações de caráter meramente demográfico em levantamentos sociolinguísticos de grande escala (ECKERT, 2012).

Para submeter a variação estilística a um tratamento estatístico, Labov (2008 [1972]) desenvolveu um critério metodológico baseado no grau de atenção prestado pelo falante à sua própria fala. Esse modo de ver a variação estilística transformou-a em um fenômeno unidimensional, apreensível numa escala contínua de formalidade. A eficácia do método reside na identificação potencial dos fragmentos mais distintivos de registro casual em narrativas de experiência pessoal, e os pontos mais formais do *continuum* são representados por testes que envolvem leitura de textos, de listas de palavras e de pares mínimos.

Esse conceito de estilo como um fenômeno unidimensional baseado nos critérios de atenção trouxe avanços científicos inegáveis à pesquisa sociolinguística, mas as contribuições positivas que promoveu não ficaram isentas de críticas. Wolfram (1969), por exemplo, questionou a confiabilidade das pistas paralinguísticas (*channel cues*) de indicação de fala casual ou informal, com base no argumento de que, dependendo do indivíduo, elas poderiam refletir apenas certo grau de ansiedade ou mesmo uma tentativa de demonstrar simpatia ou solidariedade para com o entrevistador. O próprio Labov (2006, p. 74) reconhece que as sugestões de canal não forneceram um nível de confiabilidade suficientemente elevado para a maioria dos pesquisadores.

Outro problema da abordagem laboviana de estilo, o vínculo direto entre formalidade e grau de atenção, foi denunciado por Eckert (2000) com base na alegação de que o falante pode divergir conscientemente de sua própria variedade, incluindo fragmentos altamente estilizados do registro informal em situações de registro cuidadoso, quando o que se espera, pelo critério estabelecido, são as formas de prestígio.

A sociolinguística variacionista trata o estilo como diferentes formas, usadas no mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade, mas a visão de estilo de Eckert (2008) exclui essa separação tão nítida entre forma e conteúdo sob a condição de que o social é eminentemente uma construção levantada sobre os alicerces do conteúdo de vida das pessoas. Diferentes formas de dizer coisas e seus respectivos significados potenciais têm o objetivo de sinalizar diferentes modos de ser.

Os estilos da *persona* (e são várias as máscaras sociais que se assumem) são os meios mais adequados para abordar o significado da variação, pois são eles que conectam os estilos especificamente linguísticos com outros sistemas estilísticos, como vestimenta, adereços etc., bem como com os tipos de construções ideológicas que os falantes compartilham e interpretam e que, por isso mesmo, povoam o imaginário social. Em razão disso, por prática estilística, Eckert (2008) se refere tanto à interpretação quanto à produção dos estilos, pois ambos ocorrem constante e interativamente. A prática estilística constitui, assim, um processo de “bricolagem” (HEBDIGE, 1984 apud ECKERT, 2008), em que os recursos linguísticos diversos podem ser interpretados e combinados para construir uma entidade significativa mais complexa. Estilo e identidade são, sob esse prisma, conceitos fortemente associados: numa situação típica de agentividade, os falantes atribuem um novo significado social à variação, aproveitando-se de variáveis já existentes no mercado linguístico.

No caso específico deste trabalho, tomamos como hipótese que a variação de pluralidade no SN, uma variável da comunidade rio-pretense como um todo, pode ser “aproveitada”, digamos assim, como indexador da construção de identidade de diferentes comunidades de prática (doravante CPs). A escolha da regra de concordância nominal constitui um espaço privilegiado para um estudo dessa natureza, justamente em função de pôr grupos sociais em contraste.

Como a outra face da mesma moeda, as CPs coexistem no contexto de uma escola da rede pública; por isso, além de um embate ideológico no mesmo espaço institucional, aplicar ou não a regra de CN implica falar ou não o português correto; esses aspectos do fenômeno constituem justificativas mais que razoáveis para examinar esse fenômeno específico e avaliar como a aplicação ou não da regra normativa implica graus de adesão ou não aos valores sociais da comunidade como um todo.

Este trabalho se insere, portanto, nos estudos de variação conhecidos como de “terceira onda” (CAMACHO, 2013), com o objetivo específico de analisar as dinâmicas e as práticas sociais de dois grupos de estudantes opostos, de uma mesma escola pública da cidade de São José do Rio Preto (SALOMÃO-CONCHALO, 2015), definidos, por seus próprios membros, como funkeiros e ecléticos. Mais especificamente, examinar o modo como membros das duas CPs empregam as sintaxes de concordância assim concebidas, para construir, eles próprios, a significação social do grupo ao qual pertencem e determinar o modo como os processos variáveis de marcação de plural no SN são indexadores de construção da identidade.

O trabalho se acha organizado da seguinte maneira: a seção 1 trata de refinar aspectos do suporte teórico, fornecendo, mais especificamente, o conceito de variação estilística; a seção 2 fornece os métodos e técnicas da investigação; a seção 3 procede à identificação das duas comunidades de prática mediante a pesquisa etnográfica; a seção 4 centra o foco na análise quantitativa e qualitativa da variável como indexador de identidade; a seção de fechamento faz um balanço das principais consequências teóricas da análise.

DEFININDO O VALOR INDEXICAL DA VARIAÇÃO ESTILÍSTICA

Na seção introdutória, levantamos alguns problemas relacionados ao conceito de variação estilística proposta por Labov (2008 [1972]). Para superar esses problemas, Bell (1984) sugeriu um novo enfoque para o estilo, apoiado nos conceitos de plano da audiência e de acomodação. Esse autor postulou uma teoria psicossocial segundo a qual o falante acomoda seu discurso ao do interlocutor com o fim de obter aprovação. O modelo proposto por Bell (1984) mudou substancialmente o conceito de estilo, ao transferir a ênfase do falante para o ouvinte e abrir caminho, nos últimos anos, para uma diversificação do conceito de estilo na direção das abordagens etnográficas e antropológicas de Coupland (2007) e Eckert (2008).

Coupland (2007) entende que, ao fazerem suas escolhas estilísticas, os falantes não apenas reagem às restrições do contexto, mas acabam também por conceber o próprio contexto, definindo as situações e as relações sociais. Por essas razões, Coupland (2007) justifica o lugar teórico do estilo no campo das ações sociais discursivas e nas práticas sociais em geral, não sendo viável, por isso,

assentar o estudo do estilo apenas em modelos unidimensionais, como o da proposta laboviana baseada nos critérios de atenção e níveis de formalidade.

Mais recentemente, de conformidade com a posição de Coupland, Eckert (2008) estende o estudo do significado social da variação estilística para o enfoque linguístico-antropológico de indexicalidade postulado por Silverstein (2003). Eckert (2008, p. 454) postula que

[...] o conteúdo das variáveis não é preciso ou fixo, mas constitui um conjunto de significados potenciais, um campo indexical, entendido como uma constelação de significados ideologicamente relacionados, que podem ser ativados no uso. O campo indexical é fluido e cada nova ativação tem o potencial de alterá-lo com construções baseadas em conexões ideológicas¹.

Em sua discussão do valor indexical da variação, Silverstein (2003) toma, como ponto de partida, a categorização das variáveis em *indicadores*, *marcadores* e *estereótipos*, proposta por Labov (2008 [1972]). Vale lembrar que o conceito de indicador de Labov (2008 [1972]) se aplica às variáveis que distinguem categorias sociais e geográficas, mas que não atraem suficiente atenção do falante para merecer variações no *continuum* de formalidade. Já as variáveis rotuladas como marcadores e estereótipos atraem atenção suficiente para emergir como pontos na escala contínua de variação estilística. A diferença entre marcadores e estereótipos se abriga no nível maior ou menor de consciência do falante para o significado social da variável: apenas os estereótipos se sujeitam à discussão metapragmática.

O indicador, rotulado por Silverstein (2003) como um indexador de primeira ordem, pressupõe simplesmente que o falante seja membro de uma categoria ou classe social. Isso ocorre, por exemplo, quando se designam pessoas como falantes da variedade caipira ou paulistana, urbana ou rural. Mas a avaliação social de um grupo está sempre disponível para ser internalizada na própria variabilidade dialetal e para indexar elementos específicos de caráter ou de personalidade. É nesse ponto que a forma linguística se torna um marcador, um indexador de segunda ordem, figurando na prática estilística de acordo com a posição do falante em relação aos elementos de caráter selecionados para uso interno.

A diferença entre a noção de “marcador” no tratamento variacionista e a de “indexador” no tratamento de Silverstein (2003) está no encaixamento ideológico do processo pelo qual se faz e se refaz o elo entre forma e significado. Se um falante da variedade caipira conceber esse tipo de avaliação de segunda ordem em relação ao uso de *r-retroflexo*, que indexa o pertencimento a uma dada categoria social, está claro que uma personalidade não caipira pode emergir numa situação de confronto com outra variedade dialetal e essa emergência pode ser detectada na variação estilística.

Eckert (2008) entende que as variáveis têm campos indexicais em vez de significados fixos, porque os falantes as usam não simplesmente para refletir ou reafirmar seu lugar particular preordenado no mapa social, mas para rea-

¹ Cf. o original: “the meaning of variables are not precise or fixed but rather constitute a field of potential meanings – an indexical field, or constellation of ideologically related meanings, any one of each can be activated in the situated use of the variable. The field is fluid, and each new activation has the potential to change the field by building on ideological connections.”

lizar movimentos ideológicos. O uso de uma variável não representa a invocação simples de valores indexicais preexistentes nem a reivindicação de um novo valor.

Na apropriação de variantes do dialeto caipira, por exemplo, como a pronúncia retroflexa do /R/, associada à ausência de concordância, propagada em frases feitas nos adesivos de carros, como *nóis é chique no urtimo*, os falantes do dialeto caipira, especialmente “agroboys” montados em SUVs do ano, não estão simplesmente reivindicando a identidade caipira, mas uma nova construção de significado, como um modo de reiterar lealdade às origens sociais, que são também as origens do capital econômico e do patrimônio familiar.

Esse tipo de enunciado dá especificidade ao objeto de lealdade, especialmente quando a forma preferida, a variante retroflexa, é, na visão dos falantes de outras variedades, um estereótipo negativo do falar interiorano, e, como tal, um indexador de terceira ordem. O próprio Amaral (1955 [1920]), o primeiro pesquisador a investigar esse traço fonológico, fez uma leitura preconceituosa de seus falantes, ao mencioná-los como “os genuínos caipiras, os roceiros ignorantes e atrasados” (AMARAL, 1955 [1920], p. 41). Em estudo mais recente, Leite (2004), que se debruçou sobre a pronúncia de estudantes rio-pretenses moradores de Campinas, aponta para um processo progressivo de abandono dessa pronúncia, o que pode identificar ser ela um indicador de valoração negativa.

AFINANDO OS INSTRUMENTOS: MÉTODOS E TÉCNICAS DE INVESTIGAÇÃO

O estudo da comunidade de fala, lócus metodológico da sociolinguística variacionista, assenta suas bases em grandes comunidades estratificadas, provendo um tratamento estatístico mais propenso à homogeneidade que à heterogeneidade². Portanto, a maioria das análises quantitativas rodadas em programas como o GoldVarb sugere, implicitamente, que os indivíduos dentro de um agrupamento, digamos, os compreendidos numa faixa de 15 a 30 anos, mantêm sempre o mesmo comportamento indiciado pela métrica da média percentual e dos pesos relativos, sem espaço para a individualidade.

Numa perspectiva como essa, torna-se metodologicamente inviável promover uma análise dirigida especificamente para a construção da identidade dos falantes, para a movimentação desses indivíduos em diferentes CPs e para a maneira como ocorrem as dinâmicas sociais. Por essa razão, este trabalho se alinha definitivamente com o estudo etnográfico, em que todo o esforço de pesquisa se volta para a variação no indivíduo, ou em microgrupos, as CPs, em que se fundam as redes de relações sociais dos indivíduos envolvidos.

Adotamos, portanto, dois tipos de procedimentos para o desenvolvimento do trabalho. Em um primeiro momento, desenvolvemos uma análise qualitativa de base etnográfica para explorar as diferenças e as semelhanças entre os vários grupos de jovens existentes na comunidade escolar e ser capaz de discernir que jovens participam de quais CPs; além disso, a etnografia é ferramenta que auxilia a aferir o grau de afiliação às CPs (WENGER, 2001; WHYTE, 2005). Num segundo momento, aplicamos aos dados uma análise quantitativa baseada no processamento estatístico dos dados fornecido pelo Goldvarb X (TAGLIAMONTE; ROBINSON; LAWRENCE, 2001).

2 Essa premissa, todavia, não identifica o modelo da comunidade de fala em si, mas o tratamento dado pela maioria dos autores, haja vista que há trabalhos, mesmo de “primeira onda”, que se preocupam em analisar o comportamento de indivíduos, como o de Guy (1980).

A pesquisa etnográfica teve a finalidade específica de verificar como esses estudantes constroem a sua identidade linguística e social por meio de suas práticas sociais e de suas relações simbólicas. O método de análise consistiu basicamente no contato direto do pesquisador com a situação investigada, onde se constroem as relações cotidianas, com base nos padrões das ciências sociais, ou seja, mediante observação participante, preenchimento de questionários, entrevistas e gravações com os alunos.

No trabalho etnográfico, os dois grupos de alunos do ensino médio, divididos em duas categorias sociais ideologicamente opostas, os funkeiros e os ecléticos, foram acompanhados por dois anos. Desse acompanhamento, devidamente registrado nos diários e nas gravações, foi possível identificar as duas CPs.

Constituem o grupo dos funkeiros adolescentes que têm em baixa conta a instituição escolar e que se identificam com a cultura do *hip hop*, *funk* e *rap*. Já os membros do grupo dos *ecléticos*, opostos ideologicamente, preferem frequentar o próprio espaço escolar, mesmo quando não estão em aula, e desenvolver atividades extracurriculares como cursos de idiomas; além disso, mostram-se preocupados com o futuro, especialmente com o ingresso na carreira profissional ou no ensino superior; circulam entre os outros grupos da escola e, de modo geral, conseguem conviver com as diferenças entre eles; é por essa razão que se autodenominam “ecléticos”.

As CPs foram delimitadas e analisadas dentro de um contexto escolar, em uma instituição pública estadual situada na zona sul de São José do Rio Preto (SALOMÃO-CONCHALO, 2015). Os alunos que a frequentam, de um modo geral, vivem no próprio bairro do colégio, nos bairros adjacentes ou em alguns bairros da zona norte. A Escola Estadual Professor Aureliano Mendonça, fonte desta investigação, fica no coração do bairro Higienópolis. O colégio oferece o 2º ciclo do ensino fundamental (6º ao 9º ano) e o ensino médio. Trata-se de uma escola relativamente pequena com no máximo 16 salas de aula com capacidade de abrigar cerca de 1.000 alunos, distribuídos pelos períodos matutino e vespertino.

Já a reflexão teórico-metodológica da variação estilística tem por base os trabalhos de Hora (2014), Görski e Valle (2014), Severo (2014), Tavares (2014) e Vieira (2014). Escasseiam, no entanto, os estudos voltados para a variação como prática social; nesse âmbito, destacam-se Freitag, Martins e Tavares (2012), e Freitag (2014, 2015). Nesse tipo de trabalho, os falantes não são meros representantes de categorias sociais, mas elementos constitutivos delas; é por essa razão que, como legítimos construtores do significado social da variação, os falantes devem ser tratados como agentes potenciais e não meros elementos passivos.

Dentre os vários trabalhos que se debruçaram sobre marcação de pluralidade na variedade falada em São José do Rio Preto, destacam-se Rubio (2008), Salomão (2010), Fiamengui (2011), Camacho (2013) e Camacho e Salomão (2015). Todavia, nenhum estudo que explore essas variáveis morfossintáticas está voltado para a variação de estilo como marcação de identidade, o que dá plena justificativa a este trabalho.

A análise aqui proposta se debruça sobre o comportamento de grupos de jovens que estão em pleno processo de desenvolvimento de suas identidades individuais e de grupo, e em um contexto, o escolar, que pode ser um ambiente propício à demonstração de rebeldia e resistência, se não houver o reconhecimento da condição do adolescente, em termos sociais e psicológicos (DAYRELL, 2007). A escola representa, em certas circunstâncias, um espaço de repressão

de identidade, na medida em que o corpo institucional – professores, coordenadores e administradores – normalmente não reconhece a diversidade social e linguística do corpo discente nem mesmo no processo de ensino-aprendizagem.

Em um trabalho de variação como prática social, a identificação de parâmetros prontos, dados de antemão, implica uma contradição metodológica, haja vista que é a partir da pesquisa etnográfica que se constroem os parâmetros. Com base nesse postulado, as categorias analíticas foram estruturadas com base nas observações participantes durante a pesquisa de campo, ainda que, é claro, o contexto da pesquisa, o ambiente escolar, imponha por si mesmo algumas variáveis sociais, principalmente idade e escolaridade. O recorte realizado aqui reduziu os participantes a apenas quatro membros prototípicos de sua categoria dentro da CP, conforme descrição mais detalhada na seção seguinte.

IDENTIFICANDO FUNKEIROS E ECLÉTICOS: A PESQUISA ETNOGRÁFICA

No início da pesquisa de campo não havia nenhum grupo ou categoria analítica, preestabelecida³, pois a intenção inicial era descobrir, por meio da observação participante, dos diários de campo e dos questionários, quais eram os grupos presentes no colégio e se eles constituíam comunidades de prática. Com a aproximação dos estudantes, eles mesmos ajudaram nesse processo, dando nomes para os grupos pertencentes ao contexto escolar.

Após um semestre de observação, foi possível delinear as seguintes configurações: 1. funkeiros, 2. roqueiros, 3. skatistas, 4. góticos, 5. mauricinhos⁴, 6. manos e 7. um que tinha características mais comprometidas com a instituição escolar, alunos que desejavam seguir adiante com os estudos e que se reuniam para atividades de teatro. Este último, que acabou por autodenominar-se eclético nos questionários e entrevistas, tinha características opostas às do primeiro grupo, o dos funkeiros. Todas as comunidades de prática observadas tinham relevância teórica para a análise de suas práticas sociais e dos recursos estilísticos, no entanto, funkeiros e ecléticos eram os grupos que congregavam um número maior de membros com práticas sociais mais bem definidas.

A escolha das duas CPs, entre outras existentes, assentou-se, no entanto, no fato de serem ideologicamente opostas no espaço social da escola. Embora a CP dos funkeiros seja constituída por 15 indivíduos, distribuídos pelos dois períodos escolares, os alunos do período matutino, mais maduros, já dispõem de uma concepção mais nítida de sua própria identidade social e, por conseguinte, de afiliação grupal. Para os efeitos deste trabalho, os funkeiros, tomados como CP, são constituídos por quatro indivíduos, três meninos e uma menina. Dois membros dessa CP, assim delimitada, desempenham forte papel de liderança, passível de ser observado pelo grau considerável de influência que exercem sobre os outros membros. A menina selecionada, Ana⁵, lidera as demais, enquanto o jovem coordena as ações dos meninos. Essa jovem, no entanto, também se rende à influência das ações do líder do gênero oposto, Ernesto, como se pode verificar em algumas situações em que ela acompanha, sem questionamento, o comportamento do líder.

3 Além daquelas já previstas pelo contexto escola, como gênero e idade.

4 Alunos que tentam parecer mais bem posicionados financeiramente que os outros, usando roupas de marca e cabelos arrumados, mas dispõem de condições semelhantes às de outros alunos.

5 Os nomes apresentados aqui para distinguir os membros dos funkeiros e dos ecléticos são, na realidade, fictícios, usados com a finalidade precípua de preservar a identidade dos sujeitos.

Esses dois membros centrais mantêm fortes ligações com outros da CP, mas uma relação tênue com integrantes de outros grupos. Dois outros jovens mostram vinculação à ideologia funkeira: um deles, José, tem uma identidade bastante atrelada às características do grupo, e o outro, Manoel, circula mais entre as outras CPs e tem uma estreita relação com uma jovem eclética. Apesar de se considerar membro do grupo, esse jovem pode ser considerado um membro periférico por manter contato com membros de outros grupos sociais dentro da escola.

De uma forma geral, o grupo dos funkeiros pode ser considerado uma rede social densa e múltipla (MILROY, 1987 [1980]), pois todos os membros se conhecem bem e se conectam por mais de um tipo de relação (estudam juntos, são amigos e são ou já foram vizinhos). No entanto, uma análise das relações intragrupo de cada indivíduo permite verificar que Ana e Ernesto, que constituem membros centrais, estão mais fechados em suas práticas sociais que os membros mais periféricos. Esse fechamento é indicação segura de vínculo mais denso, ficando os membros periféricos mais abertos às influências de outros grupos. A Figura 1 faz uma representação da dinâmica dos estudantes funkeiros, principalmente dos membros mais à margem, em relação às demais CPs.

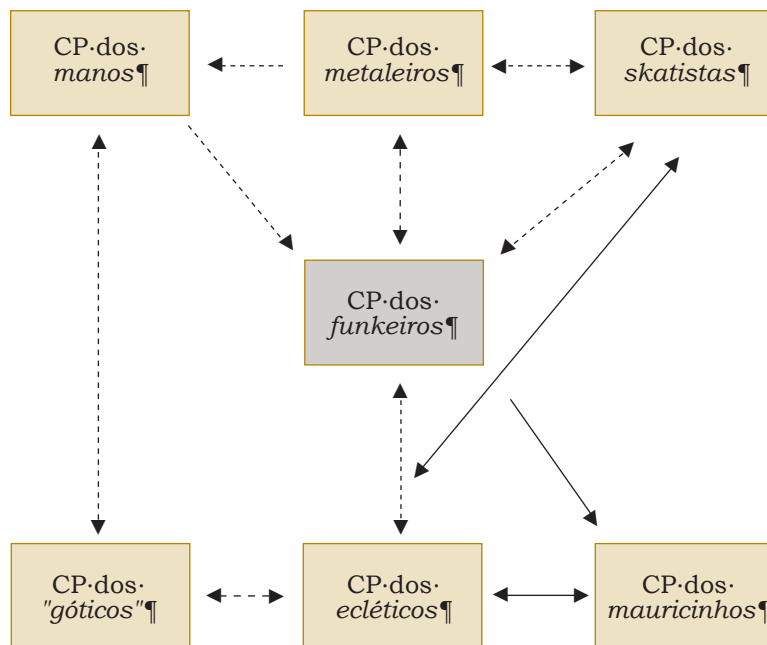


Figura 1 – Dinâmica dos *funkeiros* com outras CPs

Fonte: Adaptada de Salomão-Conchalo (2015, p. 182).

As setas com tracejados descontinuos, que representam um contato reduzido entre as CPs, podem ter um direcionamento único ou duplo. No primeiro caso, simboliza uma relação assimétrica de proximidade entre as comunidades, por ser praticada mais por um grupo do que pelo outro, o que revela apenas certo grau de tolerância entre as CPs. Já no segundo caso, a relação é simétrica, ou seja, membros das duas CPs trocam experiências e estabelecem uma relação de

coleguismo e interesse, sem deixar de revelar o forte vínculo com ideologia do grupo do qual o indivíduo é membro. A seta com tracejado contínuo revela um relacionamento intenso entre as CPs, mas também pode mostrar que o interesse é unilateral e a relação acaba sendo assimétrica.

O grupo dos ecléticos, formado por cerca de 10 jovens, é também representado, para os efeitos desta pesquisa, por três meninos e uma menina. Essa CP tem um funcionamento diferente da anterior, derivado, certamente, do modo como os membros da CP se subdividem, ou seja, não há membros exclusivamente líderes e centrais ou exclusivamente periféricos. Cada membro muda de posição na hierarquia, que, em consequência, é também mutável na dependência dos interesses e das práticas sociais em pauta. Desse modo, todos podem ser líderes, membros centrais ou indivíduos à margem da CP dependendo da natureza da atividade envolvida. A falta de um líder dentro do grupo acaba por propiciar um maior grau de dialogicidade entre os membros e participação coletiva nas decisões a tomar sobre as ações e práticas sociais futuras (como preparar as atividades de teatro na escola, estudar em grupo e sair nos fins de semana).

A dinâmica social dos ecléticos também é um pouco diferente da dinâmica dos funkeiros. De uma maneira geral, estabelecem certo grau de camaradagem com membros de outros grupos e têm uma relação estável com as diferentes CPs. Além disso, mesmo que manifestem discordância, são mais tolerantes com o imaginário ideológico das outras CPs. Assim como os funkeiros, os ecléticos formam uma rede social densa, mas de baixa complexidade, pois apenas dois indivíduos apresentam outros tipos de conexão fora do ambiente escolar (são vizinhos e frequentam juntos cursos extracurriculares). A Figura 2 mostra as relações entre membros da CP ecléticos e membros de outras CPs no contexto escolar.

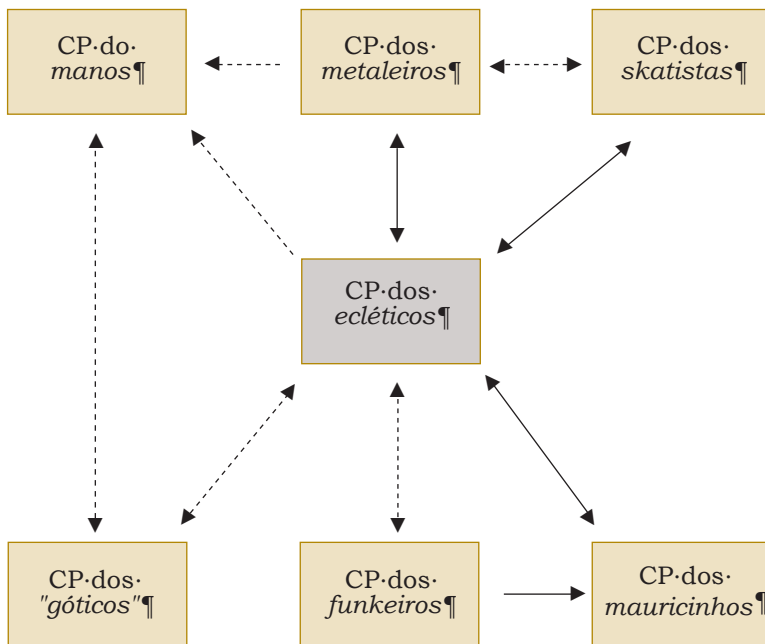


Figura 2 – Dinâmica dos *ecléticos* com outras CPs

Fonte: Adaptada de Salomão-Conchalo (2015, p. 185).

Em relação a *manos* e *funkeiros*, a CP dos *ecléticos* apresenta uma associação baseada em laços tênues; *funkeiros* e *ecléticos* procuram manter um relacionamento estável, ainda que manifestem preconceito mútuo. No entanto, a camaradagem é pontualmente voltada para os interesses dos grupos. Os *ecléticos* buscam certo grau de popularidade ao se associarem aos *funkeiros* e estes visam a angariar o respeito outorgado pelos professores e pelos *ecléticos* aos membros de outras CPs. Essa busca, muito mais atrelada ao respeito dos professores, significa que procuram apoio dos adultos para suas escolhas e práticas sociais, atitude que está longe de acontecer na realidade escolar, uma vez que os adultos (professores e funcionários da escola) não incentivam os *funkeiros* em suas atividades.

Como já mencionado, o trabalho etnográfico, postulado pelos integrantes da “terceira onda” (ECKERT, 2005, 2012), é, em geral, qualitativo, mas não despreza o estudo quantitativo de base variacionista, uma vez que os dois procedimentos não são contraditórios, mas complementares. Nossa hipótese é a de que deve haver uma correlação entre centralidade e perifericidade grupal e expressão linguística de pluralidade no SN. Nesse caso, os membros centrais da CP dos *funkeiros* apresentariam menor frequência de marcas de pluralidade que os membros periféricos, justamente por terem esses jovens mais diálogo com os membros de outras CPs como a dos *ecléticos*, que são um pouco mais apegados às normas, inclusive as linguísticas, ditadas pelo contexto escolar.

INDEXANDO A PRÁTICA ESTILÍSTICA À CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

A análise quantitativa dá suporte às descobertas e aos questionamentos apontados na análise qualitativa, mas de uma perspectiva inovadora, já que são as diferenças que se sobressaem, não necessariamente as similaridades.

Em linhas gerais, os resultados quantitativos para as CPs de *ecléticos* e *funkeiros* corroboram os apontamentos da pesquisa etnográfica, considerando que, em termos gerais, a aplicação da regra normativa de CN ocorreu em 92,3% dos casos possíveis (N = 228/247) para os membros dos *ecléticos* e em 62% (N = 146/236) para os membros dos *funkeiros*. Pode-se deduzir dessa diferença que o comportamento verbal representa uma das práticas sociais, como recurso estilístico de construção de identidade, separando jovens com a mesma idade e escolaridade entre os que tendem a aplicar ou não aplicar a regra padrão de concordância.

Confirma essa tendência uma comparação entre dados da comunidade de fala, com base na Amostra Iboruna (GONÇALVES, 2008), e os dados das duas CPs, quantificados segundo os mesmos critérios (SALOMÃO-CONCHALO, 2015). Os resultados gerais mostram que a frequência de aplicação de 92,3% dos *ecléticos* é maior do que a do grupo controle⁶, de 86,5% (N = 192/222), e a dos *funkeiros*, de 62%.

Em outros termos: a constituição das CPs e o perfil social dos integrantes já indicavam que os membros dos *ecléticos* apresentariam uma frequência comparativamente mais elevada de marcas de pluralidade do que a dos membros

6 O chamado “grupo controle” representa um recorte do banco de dados Iboruna, correspondente, em termos de variáveis sociais, ao mesmo recorte das CPs, ou seja, faixa etária de 16 a 25 anos, integrantes do Ensino Médio e gêneros masculino e feminino. Foram utilizados oito inquéritos da Amostra Censo que se enquadram nesse perfil (ACs 041, 042, 043, 044, 045, 046, 047 e 048).

dos funkeiros, o que a análise quantitativa de fato corrobora; comparados com membros da comunidade da mesma faixa etária, os ecléticos os superam no apego à variedade de prestígio, mas os funkeiros se abrigam numa posição abaixo da média.

O perfil social dos ecléticos inclui preferência por marcar presença nas aulas independentemente dos problemas do cotidiano escolar e busca por formação profissional em cursos técnicos. São essas tendências detectadas na análise etnográfica que apontaram para a projeção de uma expectativa de alta taxa de marcação de pluralidade no SN. Entre os funkeiros, o reduzido grau de apego às regras normativas acaba se revelando como traço definidor, juntamente com outras características pessoais e práticas sociais. Esse baixo grau de apego à variedade de prestígio é um indício de não identificação com valores do contexto escolar.

Vejam, agora, se esses índices gerais se mantêm no comportamento individual dos ecléticos e funkeiros, conforme mostra o Gráfico 1.

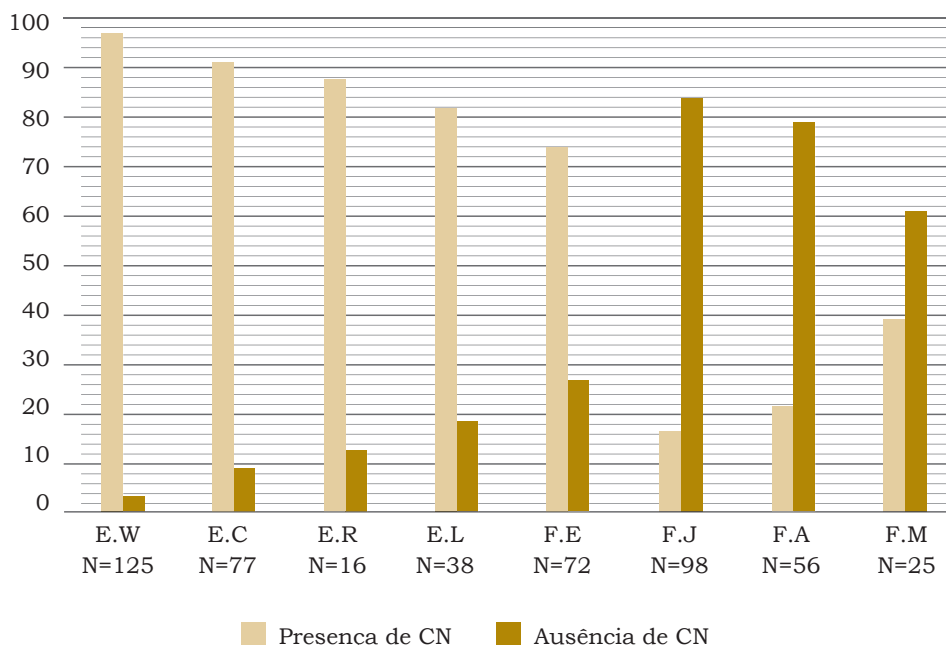


Gráfico 1 – Proporções de marcação de plural entre ecléticos e funkeiros

Fonte: Adaptado de Salomão-Conchalo (2015, p. 248 e 260).

No grupo de ecléticos⁷, a incidência de marcação de pluralidade no SN é muito elevada, mais de 90% no desempenho verbal dos informantes Walter e Cássio, enquanto Renato e Lara estão em torno da marca dos 80%, mas é Lara quem aplica menos frequentemente a regra de CN dentro do grupo, como mostra o Gráfico 1. Essa frequência mais baixa não chega a surpreender em vista da relação de Lara com membros de outras CPs. Além de se relacionar com os outros

⁷ Ecléticos: W (Walter), C (Cássio), R (Renato) e L (Lara).

grupos, ela mantém uma relação amistosa com o funkeiro Manoel. As negociações que trava com esse funkeiro e com membros de outros grupos possivelmente a tornam um membro menos prototípico. As renegociações de sua própria identidade, com base nesse relacionamento, poderiam ativar, posteriormente, uma estratégia de saída, no caso de não mais se acomodar plenamente com a afiliação à CP dos ecléticos e de passar a flertar com outra, especialmente em vista da identidade fluida e construída na prática social do dia a dia.

Já os índices de marcação de plural no SN dos afiliados à CP dos funkeiros⁸ apontam para o “aproveitamento” da regra variável de CN na construção de identidade, um recurso estilístico associado ao modo de se vestir, à música *funk* e à natureza do comportamento cotidiano. De um modo geral, o comportamento linguístico dos funkeiros é evidência de uma relação inversamente proporcional entre o envolvimento nas práticas sociais da CP e o apego às marcas de pluralidade.

Os resultados de José e Ana, membros centrais dessa CP, mostram baixo grau de cumprimento da regra padrão de concordância. O funkeiro Manoel se encontra em uma zona mais neutra de preservação, com um índice positivo beirando o dobro de frequência da média dos membros centrais, embora ainda extremamente baixo se comparado ao da média dos ecléticos. Essa incidência mostra perfil de membro periférico, mas com forte identificação ideológica com o grupo. É Ernesto, no entanto, que mantém um índice relativamente mais alto de marcas de pluralidade, o que indicia a emergência de individualidade.

Embora o percurso de acesso à CP possa contribuir para a formação da identidade, uma trajetória periférica nunca conduz o indivíduo à plena participação. Caso exemplar é o de Manoel, jovem que mantém práticas sociais típicas de identificação de um funkeiro, como o comportamento jocoso na aula, o gosto por dança e música funk, participação ativa na divulgação de festas organizadas pelo grupo. Mesmo assim, sua afiliação tem raízes no protagonismo de José, com quem mantém relações ostensivas de amizade.

Esses resultados mostram que a construção de identidade não se encerra com a plena afiliação a uma dada comunidade, já que o desenvolvimento das práticas sociais significativas é um processo contínuo, presente em várias práticas sociais de que resulta a renegociação da própria identidade, cuja consequência mais imediata é a assunção de uma trajetória de saída: quanto maior a frequência de novas negociações e exigências, tanto maior a frequência de desenvolvimento de novas relações. Da necessidade de firmar posições distintas da comunidade resultam comportamentos linguísticos específicos de cada indivíduo, que indexam significados sociais fluidos e dinâmicos.

Nas circunstâncias da pesquisa etnográfica, a identidade de funkeiros e de ecléticos está ativa e em plena negociação no mercado simbólico; entretanto, sua perenidade é improvável, já que, com mais alguns semestres ou anos, essas comunidades talvez nem venham mesmo mais a existir. Entende Bauman (2005) que as identidades “flutuam no ar” de tão fluidas, e o significado do repertório linguístico, que nunca é estático, tem um dinamismo próprio que conduz os membros do grupo a processos de ressignificações.

Pode-se afirmar, portanto, que um determinado modo de convivência, ou prática social, tem um apogeu, passando, posteriormente, por uma redução

8 Funkeiros: E (Ernesto), J (José), A (Ana) e M (Manoel).

gradativa no contexto social, também, por seu lado, sempre em construção. Pode ocorrer que o passar do tempo ative outros valores na sintaxe de concordância, especialmente para os funkeiros, principalmente no momento do ingresso no mercado de trabalho, processo que vai provocar a recriação da identidade.

Intrigam, no entanto, os índices de aplicação positiva de concordância no comportamento verbal do funkeiro Ernesto. Durante a entrevista gravada, esse jovem manifestou um comportamento singular. Apesar de tentar chocar a documentadora com a narração de episódios de sua vida sexual, o que é esperado de um funkeiro, mostrou-se obsequioso no uso de formas de tratamento. Em conversas informais, Ernesto referenciava a documentadora por primeiro nome e *você*, mas não na entrevista, como mostra o exemplo (1).

- (1) INF.: aí sim **a senhora** chegou no ponto ... pra mim ESCOLA ensino médio ... ensino fundamental não influencia nada na faculDADE que eu quero que eu quero exercê(r) ... (EI-Fk/ A./Mc/ L. 24-27)

Fora das circunstâncias de gravação, não demonstrou qualquer preocupação em contemplar a regra padrão de concordância. Uma análise de oitiva das diversas situações de interação permite inferir que Ernesto manifesta uma frequência de ausência de plural similar à de José, um de seus amigos mais próximos, como mostra o exemplo (2), extraído de sua entrevista gravada.

- (2) Olha... o BOPE invaDIU com a polícia miLLtar primeramente [DOC.: isso] **nos primeros dia** ... viu que não tava paSSANdo nem um TERço do que tinha que subi(r) pra cheGA(r) onde os traficante tava ... o arsenal intero ... viu **as droga** que foram presa? [DOC.: vi] senhora vai falá(r) “ah o crime organizado teve prejuízo” ... vô(u) falár(r)/revelá(r) pra senhora que ... a senhora acha que **aquelas arma** lá era ... a senhora acha que alguma coisa lá era do crime organizado? **Aquelas arma** lá é tudo arma como se fosse arma VELha ... a polícia tava fasciNADA que tava vendo lá né ... então eles num conhece o arsenal de verdade DROGA droga pra eles é que nem água ... DROGA [doc.: é fácil né]... FÁ:CIL pra consegui... consegui não eles tem plantação na Colômbia ... a Colômbia tem BAsE do PCC na Colômbia ... tem base já foi mostrado no fantástico também ... CoLÔmbia éh:: Paraguai ArgenTINA tudo **esses país** (EI-Fk/ Ad/Mc 18/L. 445-453)

Conhecer a história de vida de Ernesto e suas expectativas de continuidade no sistema escolar permite levantar algumas hipóteses explicativas sobre esse estilo cuidadoso. Esse jovem projeta mobilidade social ascendente, que contorne os problemas de seu próprio contexto social – tornar-se desembargador –, o que implica, emblematicamente, uma história de vida diferente da vivenciada pelo pai no tráfico, satisfazendo expectativas de sua mãe e se desvencilhando das amizades do pai, que ainda o cercam como um assédio constante de participação no tráfico. De um ponto de vista linguístico, seu comportamento manifesta a indexação simbólica de ter habilidade de usar as normas e de aplicá-las a uma situação formal de interação, quando assim o desejar, a despeito mesmo de não “levar a sério” o ensino médio.

Segundo Eckert (2008), atos de identidade não envolvem primariamente a questão de reivindicar pertencimento a este ou a aquele grupo ou categoria, em oposição a outro grupo ou categoria, mas são esses atos assim concebidos, que envolvem justamente as percepções de indivíduos ou categorias, que acabam caindo no radar de levantamentos sociolinguísticos de grande escala. Esses atos não são independentes da ordem social mais abrangente; pelo contrário, eles são sistematicamente relacionados a categorias macrosociológicas e encaixados nas práticas que as produzem e as reproduzem.

São os elos entre o indivíduo, aqui no caso, o funkeiro Ernesto, e a categoria macrosociológica em que ele se enquadra (estar na faixa etária *x*, no grau de escolaridade *y*) que fornecem as pistas das práticas sociais em que ele atualiza seus modos de falar, movimentando seus estilos conforme movimenta suas máscaras sociais (*personae*) nas situações do cotidiano funkeiro e na situação de entrevista em que exhibe habilidades verbais. Nesse processo, Ernesto não se vale simplesmente do significado social, mas o produz e o reproduz, e o conceito de ordem indexical, postulado por Silverstein (2003), fornece uma perspectiva crucial para dimensionar o caráter sempre momentâneo desse processo e para dar um ponto de apoio para o analista examinar a relação entre os fatos macrosociológicos e a prática linguística e ser capaz de fornecer uma explicação teórica para o papel da construção contextual no processo de mudança indexical.

FINALIZANDO A PAUTA

A generalização quantitativa do tipo que se faz em estudos baseados em levantamentos de grande escala tem grande relevância teórica, especialmente pela inegável contribuição que tem dado para o conhecimento da realidade sociolinguística do país. No entanto, explorar o significado da variação requer também examinar os valores subjacentes às generalizações possíveis. O próprio fato de as mesmas variáveis estratificarem-se regularmente com múltiplas categorias demográficas – gênero, escolaridade, classe socioeconômica – indica que os significados que veiculam não se relacionam diretamente a essas categorias, mas indiretamente, mediante a associação com qualidades e instâncias que entram na construção das categorias (SILVERSTEIN, 2003).

Esse tipo de generalização estatística nada diz sobre comportamentos e ideologias que subjazem a esses padrões, que tipos de significado as pessoas anexam à variante conservadora (presença de marcação) ou à inovadora (ausência de marcação), quem se ajusta e quem não se ajusta ao padrão e por quê. Nada diz sobre o uso da língua e comunidades de prática na vida quotidiana e nada também sobre a razão pela qual se aplica a mesma generalização à estratificação de classe em que pessoas menos escolarizadas lideram a mudança morfossintática na modalidade falada e a preservam na escrita, em taxas relativamente mais baixas, neste caso, que as pessoas mais escolarizadas.

Nos dados aqui examinados, a variação de número no SN, um indexador dos valores ideológicos e das práticas sociais que organizam a identidade, passa por um processo de ressignificação tanto para funkeiros quanto para ecléticos, constituindo, assim, o espaço privilegiado do processo de bricolagem (ECKERT, 2008), em que a variação estilística, de base linguística, se agrega a um repertório preexistente de outras variáveis, também estilísticas, reordenadas segundo os valores de cada grupo para comunicar novos significados.

Parece claro que, para os membros dos funkeiros, a variação de número não veicula necessariamente valores alternativos de estigma e prestígio; pelo contrário, há momentos de usar a forma de prestígio escolar e momentos de usar a forma não padrão. A variação de pluralidade é apenas um recurso estilístico de construção de identidade, ao indexar distanciamento de outros grupos, e mesmo um perfil individual e próprio, que se destaca dos demais membros do mesmo grupo.

Marcar ou não marcar pluralidade é uma questão que vai além do compartilhamento do valor social de prestígio atribuído por categorias sociais predeterminadas, o que permite questionar a própria definição prototípica de prestígio e estigmatização. Os estudos de primeira onda, que lidam com categorias macrosociais, inseririam funkeiros e ecléticos numa determinada faixa etária, como a dos 16 aos 25 anos, e numa determinada faixa escolar, como alunos de ensino médio, integrantes de uma escola pública.

Os resultados de um estudo de base etnográfica, como os aqui discutidos, mostram que as marcas grupais aqui identificadas, analisadas na perspectiva de um nível microssocial, ficariam diluídas e praticamente destituídas de seu valor estilístico como indexador de identidade no grupo e no indivíduo. Basta lembrarmos aqui que os resultados quantitativos gerais mostram que os ecléticos mostram uma taxa de adesão à regra normativa de CN acima da apresentada pelo grupo controle, extraída da Amostra Iboruna, e os funkeiros, uma taxa de adesão muito mais reduzida que a do grupo controle.

Quando uma variante, estigmatizada pela comunidade social como um todo, é adotada pelos membros de uma CP, desvanece-se o valor de estigma social, justamente por indexar ao uso uma marca de afiliação ao grupo, de pertencimento social, e, portanto, de representação simbólica de construção de identidade. Está claro, no entanto, que funkeiros (e também ecléticos) não estão dizendo “sou um funkeiro” quando empregam uma variante compartilhada por funkeiros nem estão dizendo “não sou um funkeiro” quando não a empregam. O funkeiro Ernesto não é menos funkeiro por aplicar a regra normativa de concordância nominal com uma frequência mais elevada que seus pares na situação de entrevista.

Como esses significados são fluidos, nada a eles relacionado é suscetível de receber uma conclusão definitiva, taxativa, como o comprova a menor frequência de uso da variante não padrão na entrevista de Ernesto, que acaba por representar uma posição mais periférica desse jovem apenas nas práticas sociais de natureza linguística. O mesmo é verdadeiro, guardadas as devidas proporções, para o comportamento dos membros da CP ecléticos: aplicar positivamente a regra de CN significa emblematicamente aproximar-se do que é aceitável pela norma padrão, além de assegurar o distanciamento seguro dos funkeiros em relação às diferenças de posição ideológica. Esse aproveitamento estilístico, uma das práticas sociais que se organizam para a construção de identidade, acaba sendo um exemplo claro de agentividade, um valor que a análise etnográfica da variação reatualiza nos estudos sociolinguísticos.

VARIATION IN PLURAL NP MARKING AS AN INDEX OF IDENTITY

Abstract: Eckert (2000) brought in a new trend in sociolinguistics when she proposed a new concept of variable rule, which now constitutes a privileged space

of the construction of social meaning. Within this theoretical framework, the purpose of this paper was to analyze the dynamics and social practices of two groups of ideologically opposed students, *funkeiros* and *ecléticos*, to examine how variable processes of nominal agreement can consist of a field of potential meanings, or an indexical field, for identity construction. The results showed that the variation patterns are not simply unfolded from the speaker's structural position in a system in which her/his social place is predetermined. In fact, the variable process of nominal agreement in communities of practice is part of an active stylistic production of social differentiation.

Keywords: Stylistic variation. Identity. Indexical field.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. São Paulo: Editora Anhembi Limitada, 1955 [1920].
- BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BELL, A. Language style as audience design. *Language in Society*, Cambridge, v. 13, n. 2, p. 145-204, June 1984.
- CAMACHO, R. G. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo: Parábola, 2013.
- CAMACHO, R. G.; SALOMÃO, M. H. Competing motivation and number variation. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*, v. 8, n. 2, p. 285-315, Sept. 2015.
- COUPLAND, N. *Style: language variation and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100 – especial, p. 1105-1128, out. 2007.
- ECKERT, P. *Linguistic variation as social practice*. Oxford: Blackwell, 2000.
- ECKERT, P. *Variation, convention, and social meaning*. Paper presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America. Oakland, 2005.
- ECKERT, P. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics*, v. 12, n. 4, p. 453-476, 2008.
- ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, n. 41, p. 87-100, 2012.
- FIAMENGUI, A. H. R. *A marcação de pluralidade no SN na fala e na escrita de adolescentes da região de São José do Rio Preto*. 160 f. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)–Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2011.
- FREITAG, R. M. K. Dissecando a entrevista sociolinguística: estilo, sequência discursiva e tópico. In: GÓRSKI, E. M. et al. (Org.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 123-140.

- FREITAG, R. M. K. De comunidades de fala a comunidades de prática: investigando a dimensão estilística da variação. In: HORA, D. et al. (Org.). *Identidade social e contato linguístico no português brasileiro*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2015. p. 101-121.
- FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Banco de dados sociolinguísticos do Português Brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. *Alfa*, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 917-944, 2012.
- GONÇALVES, S. C. L. Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista): questões teóricas e metodológicas sobre a constituição de um banco de dados de língua falada. In: TAGNIN, E. O.; VALE, O. A. (Org.). *Avanços da linguística de corpus no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2008. p. 217-245.
- GÖRSKI, E. M.; VALLE, C. R. M. A variação estilística em entrevistas sociolinguísticas: uma (re)leitura do modelo laboviano. In: GÖRSKI, E. M. et al. (Org.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Editora Insular, 2014. p. 67-92.
- GUY, G. R. Variation in the group and the individual: the case of final stop deletion. In: LABOV, W. (Ed.). *Locating language in time and space*. New York: Academic Press, 1980. p. 1-36.
- HORA, D. da. Estilo: uma perspectiva variacionista. In: GÖRSKI, E. et al. (Org.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 19-30.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LEITE, C. M. B. O. *Atitudes linguísticas: a variante retroflexa em foco*. 150 p. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- MILROY, L. *Language and social networks*. Oxford: Blackwell, 1987 [1980].
- RUBIO, C. F. *A concordância verbal na língua falada na região noroeste do Estado de São Paulo*. 140 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)–Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2008.
- SALOMÃO, M. H. *A variação de pluralidade nas estruturas predicativas da variedade falada na região de São José do Rio Preto*. 162 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)–Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2010.
- SALOMÃO-CONCHALO, M. H. *A variação estilística na concordância nominal e verbal como construção de identidade social*. 314 f. 2015. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos)–Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2015.
- SEVERO, C. G. Estilo, variação linguística e discurso. In: GÖRSKI, E. M. et al. (Org.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 31-50.

- SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. *Language and Communication*, v. 23, n. 3-4, p. 193-229, July/Oct. 2003.
- TAGLIAMONTE, S. A.; ROBINSON, J. S.; LAWRENCE, H. R. *GOLDVARB 2001: a multivariate analysis application for Windows*. 2001.
- TAVARES, M. A. Variação estilística e gênero textual: o caso dos gêneros textuais produzidos no macrogênero entrevista sociolinguística. In: GÖRSKI, E. et al. (Org.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 203-224.
- VIEIRA, S. R. Variação estilística e ordem dos clíticos pronominais: a influência dos gêneros textuais e dos veículos jornalísticos. In: GÖRSKI, E. M. et al. (Org.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 281-302.
- WENGER, E. *Comunidades de prática: aprendizagem, significado e identidade*. Barcelona: Paidós, 2001.
- WHYTE, W. F. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- WOLFRAM, W. *A sociolinguistic description of Detroit negro speech*. Washington, DC: Center for applied Linguistics, 1969.

Recebido em abril de 2016.

Aprovado em julho de 2016.